



## CORPO DE DELITO

# Nova antologia do cadáver esquisito

Mal sabiam os surrealistas que o cadáver esquisito se tornaria, pelo menos em vários momentos do nosso ano judicial, algo tão real e presente



Rui Patrício

Ano após ano, em vários momentos do nosso ano judicial – e em especial nas suas aberturas solenes (numas mais que noutras) –, temo que o pior pesadelo dos surrealistas tenha saltado do mundo dos sonhos para o mundo dos factos, temo que o surrealismo se tenha tornado hiper-realista. Pois não é verdade que o surrealismo – influenciado pelas teorias psicanalíticas de Freud – fez reis o inconsciente e os sonhos? Não quiseram os surrealistas a libertação das amarras da lógica e da razão, rompendo com o racionalismo e subvertendo o bom gosto? Humor, sonho e provocação não eram, para eles, instrumentos de combate e de libertação do homem da sua existência utilitária? Ah, o poder da imaginação, a poética da alucinação, a ampliação da consciência! Que belas coisas, e

que triunfo quase cem anos depois! Como se dizia logo no Primeiro Manifesto, sonho e realidade devem fundir-se e nascerá uma sobre-realidade. Breton, Reverdy e os outros é que sabiam.

Mas mal sabiam eles, lá nos agitados anos 20 do século passado, que o que queriam artístico e marginal tomaria conta do mundo dos factos. E mal sabiam que o cadáver esquisito – esse jogo, esse motor artístico, essa brincadeira, esse símbolo da negação da realidade – se tornaria, pelo menos em vários momentos do nosso ano judicial (em especial nalgumas aberturas solenes), algo tão real e presente. Discute-se a data, mas não se discute o lugar: terá sido na rue du Château, 54, em Paris, que se inventou o jogo, que consiste em compor uma frase ou um desenho num papel que se entrega dobrado a outra pessoa para que, sem que esta tenha tido conhecimento do que foi escrito ou desenhado, continue livremente o texto ou o desenho. Na sua forma escrita, a variante mais comum é a colagem de palavras, a partir de um acordo inicial quanto à estrutura frásica. Também podem ser escritas frases a partir de uma palavra dada, dando sequência a um texto,

que terá sentidos absurdos e loucos, ou fazer a ligação aleatória entre perguntas e respostas. Tudo sem que o raciocínio interfira demasiado, ou seja, de forma impulsiva, sem pensar. O título do jogo provém do primeiro dos cadáveres esquisitos conhecidos: “O cadáver esquisito beberá o vinho novo.” Aliás, trata-se de um jogo que – se sairmos do terreno da arte e formos para o terreno da infância e da primeira adolescência – se chama, mais coisa menos coisa, passa-a-outro-e-não-ao-mesmo. E é isso que se passa em vários momentos do nosso ano judicial, sobretudo nalgumas aberturas solenes.

Mas porque é que em vez de ouvir não escutamos? Porque é que em vez de falar não conversamos? Porque é que, antes de acrescentarmos algo à frase do vinho novo, não procuramos lê-la e reflectir sobre ela? Daria talvez melhores resultados. Assim, como estamos, ano após ano, damos material para Mário Cesariny, se voltar a estar entre nós, fazer uma nova antologia do cadáver esquisito. Isso, claro, se suportar o hiper-realismo do seu surrealismo. Do que duvido.

*Advogado. Escreve ao sábado*



Assunção Esteves, Cavaco Silva e Paula Teixeira da Cruz na abertura do ano judicial